

# OS DEMÔNIOS NA BÍBLIA

## Análise da atividade demoníaca no Novo Testamento

Daniel Judson da Silva \*

### Resumo

Um fenômeno tem tomado lugar de destaque nas igrejas cristãs – principalmente nas congregações de confissão neopentecostal – trata-se das famosas possessões demoníacas. São inúmeros os casos de pessoas que são “libertas do demônio” em impressionantes sessões de descarrego.

No entanto, podemos levantar alguns questionamentos: Até que ponto são válidas tais práticas? Qual é o campo de atuação dos demônios? Como nos atingem? Como evitá-los? Afinal, quem ou o que são os demônios?

A proposta deste pequeno estudo é tentar responder estas e outras questões, buscando lançar luz sobre este tema tão controverso, apresentando uma interpretação que busque considerar o contexto cultural, religioso e porque não científico da Palestina dos primeiros séculos e de todo o antigo oriente médio, perpassando os tempos até a sua explicação em termos contemporâneos.

### O que não são os demônios

Antes de propormos uma definição do que são os demônios, precisamos primeiro explicar o que eles não são.

*O(s) demônio(s) não é o diabo.*

É muito comum as pessoas associarem a figura do demônio à figura do diabo. Entretanto, no contexto bíblico, esta associação não existe, ambos são conceitos diferentes e distintos. O diabo é o inimigo cósmico de Deus, enquanto o(s) demônio(s) seriam seus súditos. Em nenhuma parte das escrituras o vocábulo Diabo (διαβολος, no grego) é substituído por demônio (δαμον/δαμονιον, no grego). Por isso, é incorreto tratarmos ambos os termos como sinônimos.

---

\* Graduando em Teologia pela Faculdade de Teologia da Universidade Metodista de São Paulo. cursando o 3º período.

### Os demônios não são os anjos caídos.

Esta é uma afirmação mais ousada, e vai de encontro com o que é normalmente entendido sobre os demônios na tradição cristã. Tradicionalmente, a figura dos demônios é relacionada com os anjos caídos que teriam sido expulsos do céu por terem se aliado a Satanás em sua rebelião contra Deus (cf. Apocalipse 12,9). Estes seres estariam a serviço do diabo, influenciando nossas vidas e possuindo corpos.

Porém, quando levamos em conta o contexto cultural e religioso do antigo oriente médio (AOM a partir daqui), percebemos que a crença nos demônios é muito mais antiga do que a tradição judaico-cristã.

Praticamente todos os povos e nações do AOM acreditavam na existência de demônios, e que estes tinham influência direta na vida do ser humano.

É curioso observarmos que a crença nos demônios é praticamente ausente no A.T, é verdade que tais entidades são citadas, mas geralmente isto é feito apenas a título de consideração ou em demonizações dos deuses estrangeiros realizadas, por exemplo, na septuaginta. A atividade dos demônios é muito mais intensa nos escritos intertestamentários e neotestamentários (com destaque especial para os evangelhos).

Embora alguns insistam em afirmar que o reino das trevas tenha se agitado com o advento de Jesus, e por isso os demônios atuaram como nunca (esta visão pressupõe demônios e anjos caídos como as mesmas entidades), entendo que é muito mais provável que a cultura e a religião dos povos que dominaram a Palestina – que a essa altura já tinha influenciado a tradição judaica – tenham sido a raiz da introdução desta crença demoníaca na tradição dos judeus.

Além desta consideração, as escrituras também oferecem indicativos de que os demônios não são a mesma coisa que os anjos caídos.

Uma análise simples do texto bíblico nos mostra que em nenhum lugar do Novo Testamento (N.T a partir daqui) existe a expressão “demônios de Satanás ou do Diabo”. Não encontramos no texto grego a expressão δαιμονια του διαβολου ou similar, por outro lado a expressão αγγελος σατανα (anjo de Satanás), e similares como Satanás e seus anjos, pode ser encontrada em várias passagens, como por exemplo em 2Cor 12,7 e Apocalipse 12,7 (nesta passagem, Satanás é identificado como o dragão, outra imagem mitológica emprestada de outras culturas).

Por fim, embora os evangelistas associem a figura dos demônios ao Diabo, ou seja, eles acreditam sim que os demônios são comandados por Satanás, entendo que eles eram conscientes das diferenças entre uma e outra entidade, entre anjos caídos e demônios.

### **Indo direto ao ponto!**

Mas afinal, quem seriam então os tais demônios? Ao levarmos em consideração as observações citadas acima, podemos chegar a importantes conclusões.

O ministério exorcístico de Jesus na verdade era um ministério de curas. Embora os discípulos acreditassem verdadeiramente estar expulsando espíritos impuros – e o

próprio Jesus assim atuava – o que na verdade estavam fazendo era realizando curas, isso mesmo, curando doenças.

É muito importante e interessante observarmos as características dos endemoninhados dos tempos de Jesus (diga-se de passagem, bem diferentes das supostas manifestações demoníacas de hoje). Nesse sentido, encontramos endemoninhados mudos (cf. Lucas 11,14), que ao serem “exorcizados” recuperam a fala. Em outra ocasião nos deparamos com um endemoninhado epilético (cf. Marcos 9,14-26) e até mesmo endemoninhados loucos (cf. Marcos 5,1-19).

Em todos os casos citados, os endemoninhados possuem algum tipo de patologia. Isto pode ser explicado pelo fato de que na época de Jesus a medicina era pouco desenvolvida e aquelas doenças que ainda não tinham explicações naturais eram sempre atribuídas a demônios ou espíritos impuros. Era prática comum recorrer ao sobrenatural!

Não encontramos um caso sequer, em todo N.T, a respeito de endemoninhados leprosos ou cegos (salvo a passagem especial de Mateus 12,22; neste relato, somos informados que Jesus curou um endemoninhado cego e mudo, porém, dadas as evidências, é muito provável que apenas a mudez era atribuída ao demônio, enquanto a cegueira fora citada como uma outra característica patológica do doente. Isto pode ser confirmado pela completa falta de uma citação de endemoninhados cegos em todo Novo Testamento).

Tanto a lepra, quanto a cegueira e os vários outros tipos de doenças eram explicados à luz do conhecimento médico da época, por isso jamais eram atribuídos ao demônio. Somente casos desconhecidos, carentes de explicações naturais, tinham os demônios como causa.

Outra interessante passagem dos evangelhos, que contribui para a conclusão de que as pessoas da época de Jesus sempre atribuíam patologias inexplicáveis ao sobrenatural, se encontra em João 9,1-3. Nessa narrativa, os discípulos de Jesus o inquiram a respeito de um cego de nascença, “Mestre, quem pecou, ele ou seus pais, para que nascesse cego?”. Observe que, os discípulos de Jesus, em nenhum momento consideram a possibilidade da cegueira do cego de nascença ser motivada por causas naturais. Como normalmente esse tipo de doença não era atribuída ao demônio, só restava o pecado como causa, de qualquer forma, sempre a explicação partia do campo sobrenatural.

Dadas essas evidências, parece claro que as “possessões” dos tempos de Jesus nada mais eram do que doenças ainda sem explicação natural para a medicina da época.

## **Casos especiais**

No entanto, embora sejam plausíveis as assertivas consideradas acima, nos deparamos com passagens do N.T que parecem desafiar essas conclusões. Consideremos duas destas passagens. A primeira é encontrada em Marcos 5,1-19 e paralelos e a segunda em Atos 19,13-16. Analisemos então estas narrativas.

### Marcos 5,1-19.

Nessa passagem, Jesus se depara com um endemoninhado com claros sinais de loucura. Porém, o que nos chama a atenção é que, ao contrário das outras possessões, Jesus “conversa” com o demônio, existe um certo diálogo entre ambos.

Ao ver Jesus, o demônio o pergunta: “Que queres de mim, Jesus, filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!” Jesus então dá a ordem ao espírito impuro para que saia do homem e em seguida pergunta: “Qual é o teu nome?” O endemoninhado responde: “Legião é meu nome, porque somos muitos”.

Muitas são as observações que podemos considerar nesta passagem. Em primeiro lugar, devemos ter em mente que a passagem em questão é tema de grandes debates. Existe uma infinidade de interpretações da mesma, e seria pretensioso propor qualquer conclusão.

São muitas as características e muitos os sinais de conotação política nesta narrativa. Marcos faz uso de termos militares, além de propor um contexto repleto de imagens anti-imperiais.

Como já indicamos, o demônio se apresenta com o nome Legião. Esta palavra tem origem latina (*legio*, em latim), e posteriormente foi vertida para o grego *λεγιων* (*legiôn*). É curioso pensarmos que o demônio não tem um nome hebraico ou até mesmo grego, mas um nome puramente latino!

Na verdade, ao partirmos da ideia de traços políticos presentes na passagem, não só o nome do demônio, mas também a indicação dos porcos, parecem ficar mais explicáveis.

O evangelho de Marcos é considerado o primeiro a ser escrito dentre os outros evangelhos canônicos. Acredita-se que tenha sido redigido por volta de 63 d.C. a 68 d.C. Se esta datação estiver correta, Marcos escreveu seu evangelho em meio à guerra judaica.

Não entrarei em detalhes a respeito da guerra entre os judeus e os romanos. De forma resumida, podemos dizer que os judeus se revoltaram contra Roma por conta dos seus excessos e abusos. Existem ótimos livros que tratam deste evento e que podem ser consultados por quem se interessar. Para este estudo, a característica mais importante dessa guerra é a sua estrutura militar. Por este motivo, retomemos o assunto.

Imaginemos por um segundo aquele cenário. Judeus e romanos duelando, uma batalha generalizada e sangrenta. Em meio a tudo isso o evangelho de César é proclamado em todos os cantos, sim, tanto a palavra quanto o gênero literário ‘evangelho’ têm origem não cristã, foram criados e desenvolvidos primeiro pelos gregos e posteriormente pelos romanos.

Para os gregos, o evangelho ou ‘boa notícia’ era a proclamação das vitórias dos imperadores nas guerras. Já os romanos iam além, a ‘boa notícia’ não era apenas a vitória do imperador, mas antes, era o próprio nascimento dele. Como filho da divindade, o imperador já nascia vitorioso, era um conquistador por excelência.

É em meio a esse pandemônio que surge o evangelho de Marcos. O evangelista produziu um escrito que contrapunha a visão greco-romana do imperador. Jesus era o

verdadeiro Rei, o verdadeiro Senhor, as verdadeiras boas-novas eram as do Cristo. Portanto, ao colocar no papel a história de Jesus, Marcos tinha como objetivo reacender as esperanças dos seguidores de Cristo diante de toda aquela guerra. Ainda que naquele momento César fosse superior, no fim, o verdadeiro imperador iria vencer.

Mas afinal de contas, o que tem tudo isso a ver com a passagem de Marcos? Uma das principais hierarquias militares romanas eram conhecidas como “Legião”. As legiões eram responsáveis por manter a ordem nas nações conquistadas e também eram solicitadas para as guerras. A história nos conta que o *modus operandi* (expressão latina que significa ‘modo de operação ou maneira de agir’) das Legiões era extremamente violento, cruel e desrespeitoso. Assim, essas tropas eram temidas e odiadas.

Durante a primeira guerra judaico-romana, já citada acima, a Legião que operava naquela região, sob o comando do imperador Vespasiano, era a Legio X *Fretensis* (“Décima Legião do estreito marítimo”). Curiosamente, um dos símbolos da Legio X *Fretensis* era um javali, que nada mais é que um porco selvagem. Com todas essas informações em mente, voltemos à passagem de Marcos.

Na narrativa, um homem está possuído por vários demônios, que atendem pelo nome de “Legião”, que é o mesmo nome das tropas romanas que participaram, dentre outras guerras, da guerra entre judeus e romanos no século 1. Após serem expulsos por Jesus, estes demônios pedem permissão e possuem cerca de 2.000 porcos! Como já vimos, o javali – porco selvagem – era um dos símbolos da Décima Legião do estreito marítimo.

Estas características fizeram com que muitos especialistas e estudiosos do Novo Testamento colocassem em dúvida a historicidade desse evento. Outros disseram que a narrativa contém traços históricos misturados com ideologia anti-imperial. Outros ainda preferem acreditar na narrativa como tal e não duvidam da sua historicidade. Seja como for, o fato é que este relato é demasiado complexo, e possui um grande número de diferentes interpretações.

Entretanto, ainda que o relato seja histórico, ele pode ter uma explicação puramente natural. Um homem completamente louco – loucura esta que poderia ser causada por um acontecimento traumático envolvendo a Legião romana – é convencido por autossugestão estar possuído por um demônio. Ciente disto, ele passa a agir como tal. O seu inconsciente já tem o nome da entidade “Legião”, que fora a responsável por sua “possessão”. Ele então se encontra com Jesus – que já tinha certa fama como exorcista – e não tem dúvidas quanto à identidade de Jesus. Isso explicaria o teor do diálogo (observe que, o demônio chama Jesus de filho do *Deus Altíssimo*, é curioso este tratamento respeitoso por uma entidade que é por definição e conceito contra Deus).

Diante de todas essas evidências, podemos concluir então que o relato marcano (de Marcos) e seus paralelos não podem servir como prova ou evidência de possessão, seja pelo seu caráter complexo, seja pela sua possibilidade natural.

#### Atos 19,13-16.

Diferente da passagem de Marcos, esta narrativa presente no livro de Atos é bem mais simples de se explicar.

O Contexto da narrativa é o seguinte: Alguns exorcistas judeus tentaram expulsar, em nome de “Jesus, a quem Paulo proclama” (cf. Atos 19, 13) o demônio de um homem. Eles porém fracassaram e o endemoninhado investiu contra eles, agredindo-os. Entretanto, antes do ataque, o demônio “explicou” o motivo dos exorcistas judeus não terem sido capazes de expulsá-lo. “Jesus eu conheço; e Paulo, sei quem é. Vós, porém, quem sois?” (Atos 19,15). O demônio afirmara que conhecia o poder de Jesus e Paulo, mas não daqueles judeus.

Ao contrário da história de Marcos, não é preciso se desdobrar muito para entender esta passagem. O endemoninhado era só mais um doente mental que reagiu à tentativa de exorcismo. Ele, assim como boa parte da população daquela região, conhecia bem a fama de Jesus e Paulo. O fato de citar Jesus e Paulo só refletiu seu conhecimento sobre ambas as personagens. Mais uma vez, não é necessário recorrer à influência sobrenatural dos demônios.

## **A possessão demoníaca hoje**

Diferente da época de Jesus, hoje já sabemos a causa da cegueira, da mudez e da epilepsia, sendo assim, não é necessário mais recorrer à explicação sobrenatural dessas doenças. Já não sofremos mais influências de “demônios” desse tipo. Os endemoninhados modernos têm traços semelhantes entre si, mas totalmente diferentes dos endemoninhados do N.T. Pessoas se contorcem, enrijecem os músculos, distorcem a voz. Estas e outras características são comuns nas manifestações atuais.

Entretanto, embora sejam impressionantes e assustadoras essas experiências, elas também têm explicações naturais. Como nos casos dos evangelhos, também não é necessário recorrer aos demônios. Hipnose, auto hipnose, autossugestão, transtornos psíquicos, e até mesmo charlatanismo são algumas das explicações para estes fenômenos.

Existem estudos avançados e importantes na área do psiquismo humano que revelam uma grande capacidade do nosso cérebro em proporcionar essas manifestações. E, embora desconhecidos do grande público, essas conclusões médicas estão à disposição das pessoas que estão envolvidas nos meios acadêmicos, de forma que, grande parte dos estudiosos, incluindo padres e pastores, já não creem mais em demônios ou ao menos em sua ação nos seres humanos.

## **Motivações filosóficas e a gravidade da questão**

Embora estejamos vivendo em uma era científica, a mentalidade mágica ainda está presente em nosso meio. Livros de ocultismo, espiritismo e espiritualistas, e outros de categoria semelhantes, são vendidos aos montes em todo o mundo. O ser humano sempre foi atraído por este tipo de coisa e isso dificilmente vai mudar. Por isso, o interesse em coisas sobrenaturais atrai muitas pessoas.

Todos esses mistérios, *per si*, já seriam suficientes para explicar o interesse das pessoas em geral em manter essas crenças, entretanto, existem outros motivos igualmente importantes e esclarecedores.

Desde muitos milênios atrás o ser humano sempre procurou culpados por suas ações más. Podemos ver isso nos relatos da criação na bíblia e em outros textos. No relato bíblico, embora o homem tenha sua parcela de culpa, foi a serpente quem o influenciou à desobediência a Deus. Satanás tentou Jesus, entrou em Judas. Um anjo de Satanás torturava Paulo. Os demônios causavam as doenças. Enfim, sempre existia uma interferência externa e incontrolável nas ações humanas. Até mesmo Deus foi e é usado para justificar nossos erros.

Nossa incapacidade de reconhecer nossos erros e limitações são o maior impedimento ao abandono total na crença demoníaca. Definitivamente algumas pessoas não conseguiriam viver sem a sombra de Satanás e seus anjos e dos demônios! Deixar de crer nas hordas demoníacas significaria assumir a responsabilidade total por nossas ações, e isso não está nos planos de muita gente.

As consequências deste fato são desastrosas. Os erros são fundamentais para o crescimento e amadurecimento do ser humano. A partir do momento que procuramos um culpado externo para nossas culpas, ficaremos na zona de conforto e jamais seremos verdadeiros seguidores de Cristo.

Existe outro grave problema causado pela mente demoníaca: o problema psíquico. A mentalidade mágico-demoníaca está adoecendo as pessoas cada vez mais. Os danos psicológicos dessa crença são muito sérios. As próprias “possessões” já são um claro exemplo do quão adoecida estão essas pessoas. Já sofremos por todo estresse dos tempos modernos, dos vários problemas e transtornos sociais e, se não bastasse, buscamos ainda outras coisas para piorar um estado já bastante debilitado.

Além de tudo isso, todo esse misticismo enfraquece a mensagem prática do evangelho produzindo um efeito contrário, se por um lado o evangelho deveria ser libertador, por outro, ele está se tornando um dos maiores meios de opressão (se bem que é difícil chamar o que vivenciamos hoje em nossas denominações de evangelho).

## **Considerações finais e expectativas**

Embora pareçam plausíveis, essas explicações não serão aceitas pela maioria das pessoas. Não tenho dúvidas de que muitos olharão com reprovação e desconfiança para essas conclusões. Mas, minha motivação é um desejo real e sincero de transformação. Já passou da hora dos cristãos se voltarem mais para Cristo e menos para o cristianismo. Acredito que a mentalidade mística barra o processo prático da mensagem cristã, além de ser nocivo à saúde mental e espiritual.

Desejo ardentemente que aqueles que lerem este simples estudo possam ao menos considerar a possibilidade de estar correto. Se isto acontecer, já será um grande progresso. Portanto, busquemos cada vez mais colocar em prática a mensagem de Jesus. O evangelho é social, comunitário, e não existe social sem prática.

Que o espírito de Deus nos inspire e proporcione uma verdadeira revolução em nosso pensamento e em nossa atitude, de maneira que sejamos reconhecidos como adoradores “em espírito e em verdade”.

E que comecemos, sem demora, a construção do Reino de Deus.

### **Referências bibliográficas**

**OSCAR G.-QUEVEDO**, S.J.; *Antes que os demônios voltem*; Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2005. 547p.

**ÁLVAREZ VALDÉS**, Ariel; *Que sabemos sobre a Bíblia?*; Editora Santuário, Aparecida, Brasil, 1997. 128p.

**Contato:**

danieljudson\_teologo@yahoo.com.br